

Carta Circular nº 23

Prot. N. 000031/05

"À Sua Semelhança"

**Construir a comunhão
num mundo de relações assimétricas**
(Terceira parte de uma série)

***“Presta atenção, ó homem,
à grande excelência em que te colocou o Senhor Deus,
porque te criou e te formou à imagem do seu dileto Filho segundo o corpo
e à sua semelhança segundo o espírito”***
(Ad V, 1).

*A todos os irmãos e
a todas as irmãs da Ordem*

Caros irmãos e queridas irmãs,

- 1.1 O Sétimo Conselho Plenário da Ordem, *A nossa vida fraterna em minoridade*, foi celebrado no nosso convento ‘Cristo Risorto’ de Assis, em março de 2004. Como parte da nossa preparação ao conselho plenário, escrevi duas cartas circulares: *Aquele excessivo amor* (Circular nº 21), que é uma meditação sobre o mistério da cruz, essencial para Francisco ao assumir o caminho da humildade, e *A coragem de sermos menores* (Circular nº 22), que se concentra nas implicações do valor da minoridade, valor que qualifica a fraternidade fundada por Francisco. Com a presente carta retomo essas reflexões à luz das Proposições do Conselho Plenário.
- 1.2 Nos evangelhos encontramos Jesus à mesa com os apóstolos, os publicanos, os fariseus, as prostitutas, com devotos fiéis, ricos e pobres, escribas e saduceus, com amigos e inimigos, sempre do mesmo modo. O festivo banquete da amizade é a imagem preferida para descrever o Reino: "*Virão homens do oriente e do ocidente, do norte e do sul, e tomarão lugar à mesa do Reino de Deus [...]*" (Lc 13,29). A amizade do banquete de festa era o instrumento privilegiado para a construção das relações do Reino. O Papa João Paulo II usa a linguagem da amizade para descrever o significado interior da comunhão da Igreja: "[...] para saber partilhar as suas (do irmão de fé) alegrias e os seus sofrimentos, para intuir os seus anseios e dar remédio às suas necessidades, para oferecer-lhe uma verdadeira e profunda amizade" (NM 43). O capítulo 14 de Lucas se abre com as palavras: "*Aconteceu que, num dia de sábado, Jesus foi comer na casa de um dos chefes dos fariseus [...]*" (Lc 14,1). Através do banquete festivo Jesus nos ensina como construir a comunhão, a fraternidade do Reino.

"A Lei permite curar em dia de sábado ou não?" (Lc 14,3)

- 2.1 Quando entra na casa, Jesus se encontra logo diante de um homem hidrópico. Coloca então a questão: *"A Lei permite curar em dia de sábado ou não?"* (Lc 14,3). A pergunta é de extrema importância. No repouso do sábado os fiéis hebreus reconhecem a impotência humana ante o transcendente poder de Deus. No primeiro livro dos Macabeus (cf. 1Mc 2,29-38) cerca de mil judeus morrem pela mão de Antíoco IV Epífanes, porque os seus soldados se recusam tomar as armas no dia de sábado. Não querem profanar o sábado nem para proteger as suas próprias mulheres e crianças! Para nós é fácil considerar a pergunta de Jesus simplesmente como uma provocação ao rígido legalismo dos escribas e dos fariseus. Trata-se, ao invés, de uma nova revelação. Jesus redefine a transcendência de Deus como transcendência de Amor. *"O Filho do Homem é Senhor também do sábado"* (Lc 6,5). *"Eu vos pergunto: O que é permitido fazer no sábado: o bem ou o mal, salvar uma vida ou deixar que se perca?"* (Lc 6,9).
- 2.2 O amor trinitário, que é ao mesmo tempo transcendente e humilde, domina a experiência de Francisco. As suas orações e os seus escritos estão cheios de louvores à Trindade. Como os hebreus da Sagrada Escritura, ele se mantém em reverente temor diante de Deus, que é o "Santo-Outro" e o Transcendente:

"Altíssimo e sumo Deus eterno, Trindade e Unidade, Pai e Filho e Espírito Santo, [...] sem início e sem fim, imutável, invisível, inenarrável, inefável, incompreensível, insondável, bendito, louvável, glorioso, superexaltado, sublime, excelso, suave, amável, deleitável e totalmente desejável acima de todas as coisas pelos séculos" (RnB XXIII,11).

A encarnação não muda a relação trinitária! Antes, tal relação irrompe no tempo e na história, tornando-se assim parte da nossa experiência humana. A humildade é a sua principal característica: *"Esta Palavra do Pai [...] recebeu a verdadeira carne da nossa humanidade e fragilidade"* (2Fi, 4).

- 2.3 No nosso mundo centralizado no homem, o Filho assume a imagem da nossa humanidade. No mundo de Francisco centralizado em Deus, nós assumimos a imagem do Filho. Ambas as concepções são corretas, mas a de Francisco é muito mais profunda:

"Presta atenção, ó homem, à grande excelência em que te colocou o Senhor Deus, porque te criou e te formou à imagem do seu dileto Filho segundo o corpo e à sua semelhança segundo o espírito" (Ad V,1).

Contemplando Jesus, Francisco descobriu a íntima relação entre o Pai e o Filho. Essa relação definiu o seguimento de Francisco. Como o Filho, *"esta Palavra do Pai"*, é o modelo segundo o qual somos criados, *"Deus te criou e te formou à imagem do seu dileto Filho segundo o corpo"*, assim o Filho se torna igualmente o modelo da nossa resposta a esse amor oblato, *"à sua semelhança segundo o espírito"* (Ad V,1). Como fomos assumidos pelo amor oblato do Pai na encarnação, *"esta Palavra do Pai [...] recebeu a carne da nossa humanidade e fragilidade"*, assim nós devemos assumir a totalidade da resposta do Filho revelada no humilde, *"excessivo amor"* da cruz:

"Vede, irmãos, a humildade de Deus e derramai diante dele os vossos corações; humilhai-vos também vós, para serdes exaltados por ele. Portanto, nada de vós retenhais para vós, a fim de que totalmente vos receba aquele que totalmente se vos oferece" (Ord 28-29).

- 2.4 Movido pelo profundo desejo de responder ao Pai *"à sua semelhança"*, Francisco abraça o caminho do Evangelho, "o fundamento da vida fraterna", que **"nos conduz à íntima relação**

com a Trindade" (VII CPO 1b)¹. Esse é o nosso jeito privilegiado de fazer, de sermos igreja. O Papa João Paulo II afirma que a Igreja tem sua origem na Trindade e encontra sua identidade no amor trinitário: "A comunhão é o fruto e a expressão daquele amor que, brotando do coração do Pai eterno, se derrama em nós através do Espírito que Jesus nos dá (cf. Rom 5,5), para fazer de todos nós 'um só coração e uma só alma' (At 4,32)" (NM 42).

- 2.5 A Igreja encontra sua missão no mesmo amor trinitário: "Ao realizar esta comunhão de amor, a Igreja manifesta-se como 'sacramento', ou 'sinal e instrumento da íntima união com Deus e da unidade de todo o gênero humano' (LG 1)" (NM 42). A missão da vida fraterna é "**difundir na história os dons da comunhão próprios das três Pessoas divinas**" (VC 41). A Trindade é um mistério inesgotável que desafia toda definição, mas, como um diamante de muitas facetas, reflete uma beleza nova e surpreendente em cada ângulo e sob diferentes luzes:

"Francisco nos *Louvores a Deus Altíssimo* proclama: "Vós sois humildade!" (cf. LLe 4). De fato, o nosso Deus Trinitário é por natureza relação, ou seja, uma livre comunhão de Pessoas sem dominação ou subordinação" (VII CPO 1a).

A Trindade é relação sem dominação. O Filho não é controlado ou colocado à sombra pelo Pai e, por sua vez, não delimita o Espírito Santo. Os dons do Pai, do Filho e do Espírito Santo são sempre plenamente atuados sem limitação ou subordinação na Relação Trinitária. Partindo deste aspecto do mistério trinitário que emana da perspectiva particular de Francisco, o Conselho Plenário especifica o que significa para um frade menor "difundir na história os dons da comunhão próprios das três Pessoas divinas". O Conselho afirma que, como a humildade abre os corações humanos à experiência da relação divina, quando nós vivemos como autênticos frades menores "realizamos progressivamente uma livre comunhão de pessoas sem dominação nem subordinação, chegando assim à verdadeira humildade" (VII CPO 1a). Para Francisco e para o Conselho Plenário a verdade é clara: as relações livres e justas salvam!

Quando o amor trinitário irrompeu no mundo pela encarnação, uma força de unidade nova e vital foi revelada à família humana: "*Mas, a todos que o receberam, deu-lhes capacidade de se tornarem filhos de Deus [...] pois estes não nasceram do sangue, nem da vontade da carne, nem da vontade do varão, mas de Deus mesmo*" (Jo 1,12-13). Vivendo este amor trinitário, tornamo-nos sinais e sacramento da íntima união de Deus com o gênero humano, melhor, com toda a criação:

"Francisco abraçou o plano de Deus para as suas criaturas como uma família de irmãos e de irmãs: irmão sol, irmã lua, etc. (cf. Cant). Ele nunca se chamou simplesmente 'Francisco', mas sempre 'Frei Francisco'. Ser 'irmão' revela o seu sentir-se relacionado com cada criatura a quem Deus o chamava" (VII CPO 1c).

- 2.6 A transcendência de Deus é a transcendência do amor humilde, que se doa. Francisco está tão absorvido nesse mistério da relação trinitária que nos *Louvores a Deus Altíssimo* (Bilhete a Frei Leão) as suas palavras ressoam não como testemunho de quem percebeu exteriormente a relação trinitária, mas como testemunho daquilo que ele experimentou interiormente! Essa experiência é o fundamento da minoridade:

"A minoridade nasce em Francisco de Assis como estupor diante do amor de Deus que, para libertar-nos do mal e para introduzir-nos na vida divina, não hesitou dar o seu Filho que se fez homem e se fez obediente até à morte de cruz (cf. Fl 2,6-8; 4Ct-b 4-15), fazendo-se assim menor e submisso a todos" (VII CPO 2).

¹ Para o texto italiano das Proposições do VII CPO, v. *Analecta Ordinis Fratrum Minorum Capuccinorum* [daqui para frente AOFMCap], 120 [2004], 786 e segs. Para o texto italiano das Proposições do VI CPO, v. AOFMCap, 114 [1998], 824 e segs.

"Os convidados escolhiam os primeiros lugares..." (Lc 14,7)

- 3.1 Tomando lugar à mesa, Jesus observou *"como os convidados escolhiam os primeiros lugares"* (Lc 14,7). O Reino das relações livres e justas deve ser estabelecido no mundo real da desigualdade e do poder. Isso era verdade no tempo de Jesus. Isso é igualmente verdade hoje. "As ciências sociais modernas afirmam com clareza que por causa das relações sociais assimétricas é impossível viver sem exercitar o poder" (VII CPO 18). As relações sociais são assimétricas porque não existem pessoas humanas que sejam completamente iguais uma à outra: uma tem mais experiência, outra é mais inteligente, uma outra tem mais beleza física, outra ainda é instruída ou possui diferentes habilidades, enquanto uma nasceu na América do Norte e não na África. As diferenças e as desigualdades entre as pessoas são tão variadas quanto o número delas mesmas! A proposição conclui: "é impossível viver sem exercer o poder". O poder penetra toda relação humana.
- 3.2 O nosso mundo é modelado pelas forças dominantes do poder econômico, militar e tecnológico, forças que produzem estruturas de injustiça e enormes sofrimentos humanos. O Conselho Plenário indica algumas das conseqüências do poder dominante estruturado:

"[...] iníqua concentração da renda que produz um grande número de migrantes; [...] poderes usados em vantagem própria que marginalizam os pobres e destroem o ambiente; relações marcadas pelo domínio e pela estratificação social; etnocentrismo e intolerância religiosa; uma cultura que busca mudanças mediante a violência" (VII CPO 6).

A natureza assimétrica das relações humanas leva ao abuso de poder, e algumas das suas expressões podem também deformar a vida dos frades:

- "Atos deliberados de violência, linguagem depreciativa, ameaças diretas ou indiretas [...].
- a exploração sexual e o abuso de uma outra pessoa é ofensa mais grave à minoridade do que à castidade.
- participamos passivamente de atos de prepotência e de degradação dos outros quando aceitamos a violência e o sexo explícito como formas de entretenimento" (VII CPO 22).

- 3.3 O poder "pode ter um papel positivo, de animação e de criação, e ser colocado a serviço dos outros, ou pode tornar-se motivo de corrupção e, portanto, de destruição" (VII CPO 22). Por isso "o bom uso do poder é o 'sacrifício autêntico' que caracteriza quem fez a experiência profunda de Jesus (cf. Rm 12,1)" (VII CPO 18). A fraternidade franciscana exige o poder que constrói a unidade. Ele constitui uma condição essencial para a edificação da comunhão e da fraternidade no reino. Lucas 14 continua no seu ensinamento.

"Vai sentar-te no último lugar..." (Lc 14,10)

- 4.1 *"Não ocupes o primeiro lugar. Pode ser que tenha sido convidado alguém mais importante do que tu [...] Então tu ficarás envergonhado e irás ocupar o último lugar"* (Lc 14,8-9). Parece que Jesus queira brincar com as tentativas infantis e com a destreza dos convidados a fim de ocupar a melhor posição; mas o seu intento tem um objetivo mais sério. Falando aos chefes de Israel mostra qual é o poder que edifica as relações do reino: *"Quem se eleva, será humilhado e quem se humilha, será elevado"* (Lc 14,11). Descreve-lhes "o bom uso do poder" fundado na humildade.² É o mesmo poder que Deus infunde na humanidade na

² A Carta Circular nº 21 trata da humildade de Deus e das suas conseqüências na vida de Francisco. A Carta Circular nº 22 trata dos fundamentos da minoridade franciscana, isto é, da renúncia a toda espécie de poder que

encarnação: "A serviço da vontade do Pai a fim de que toda a criação retorne a Ele, não se apegou à sua igualdade com Deus" (VII CPO 2). Essa "*kenosis* gloriosa do Filho de Deus" tem a capacidade de "curar, reconciliar e libertar toda a criação" (ib.). A humildade é a força que constrói o reino.

4.2 Francisco assumiu o poder humilde com paixão e entusiasmo. No poder humilde do abraço ao leproso fez a experiência de fraternidade com Jesus: "Conduzido por Jesus, Francisco chegou a abraçar o irmão numa relação que transformou o que era amargo em 'doçura da alma e do corpo' (Test 1,3)" (VII CPO 46).³ A humildade, por sua vez, tornou-se poder para curar, transformar e reconstituir relações com todas as pessoas próximas a ele. As proposições fazem um paralelo entre Francisco e Jesus. "O Verbo [...] uniu-se à humanidade (na humildade, como irmão) para curar, reconciliar e libertar toda a criação" (VII CPO 2). Para Francisco "*irmão' revela [...] a sua missão de sanar as relações com dócil humildade*" (VII CPO 1c). Para ele "o ser menor e submisso a todos não tem como origem o medo, a submissão psicológica ou a renúncia ao exercício da própria livre responsabilidade" (VII CPO 2a), antes, as suas "opções corajosas de minoridade [...] redimiram e reconstituíram radicalmente as suas relações: autoridade sem poder dominador; serviço caracterizado pela humildade; relações fraternas com toda a criação; uma vida vivida na periferia social" (VII CPO 6). Por meio da humildade "Francisco se empenhou por um mundo novo de relações redimidas" (VII CPO 46).⁴ O Conselho Plenário nos convida a entrar no mesmo mundo novo redimindo o nosso uso do poder.

4.3 O Sexto Conselho Plenário da Ordem convidou a Ordem a fazer uma série de opções econômicas para libertar os frades e as fraternidades da avidez e da competição e criar o que se chamou uma "economia fraterna" (cf. VI CPO 6). O objetivo da economia fraterna difere radicalmente do objetivo da economia global do nosso tempo. A economia global tende a criar riqueza, a "economia fraterna" procura criar comunhão. Também os meios escolhidos para realizar essas duas economias diferem radicalmente. A economia global é construída pela concentração da riqueza (avidéz) e através da competição. A economia fraterna franciscana é construída sobre os princípios da solidariedade, participação, transparência, equidade e austeridade.⁵ O VII CPO tem em mira a mesma reforma em relação ao nosso uso do poder: "O uso capuchinho do poder salienta mais a construção de relações (comunhão) do que a eficiência de execução" (VII CPO 19).

O objetivo do uso capuchinho do poder é idêntico ao da economia fraterna: construir uma comunhão de amor. Do mesmo modo como o VI CPO propõe opções econômicas concretas para fazer das relações econômicas os catalisadores da comunhão, o VII CPO propõe opções no nosso uso do poder que libertem o poder da vontade de domínio e ajudem assim a edificar a comunhão. O uso capuchinho do poder:

- "não é excludente: inclui todas as pessoas interessadas na decisão;
- é participativo: os que participam têm o direito de expressar a própria opinião;
- é igualitário: a decisão final respeita de modo equânime as necessidades de todos os interessados;
- é caracterizado pela vontade de diálogo em vista de um possível consenso;
- é não violento " (VII CPO 19).

O poder, livre do domínio e da violência, cria laços de comunhão.

domina (§§ 2.1-2.2), a aceitação do serviço humilde (3.1-3.2) e a identificação com os que são jogados às margens da cultura dominante (4.1-4.2).

³ v. Carta Circular nº 21, § 5.1.

⁴ v. Carta Circular nº 21, §§ 6.1-6.3.

⁵ v. Cartas Circulares nº 14-17.

- 4.4 O Conselho Plenário propõe uma visão de fraternidade baseada na relação trinitária: "uma livre comunhão de pessoas sem dominação ou subordinação" (VII CPO 1). Nesse contexto São Francisco faz do Espírito Santo o nosso modelo de autoridade, "*o ministro geral da nossa Ordem*". O Espírito Santo é a relação, a personificação do amor entre Pai e Filho. Por isso a autoridade franciscana é ordenada à comunhão, ou seja, ao serviço da edificação e da manutenção das relações. A proposição 20 descreve os fundamentos dessa autoridade que edifica as relações: "o serviço aos outros; a coerência entre o que dizemos e o que fazemos; a escuta atenta dos outros; a função de autoridade que procura o bem comum".⁶
- 4.5 "A serviço da vontade do Pai, a fim de que toda a criação retorne a Ele, o Verbo [...] uniu-se à humanidade para curar, reconciliar e libertar toda a criação" (VII CPO 2). Nós somos inseridos no eterno abraço de amor entre o Pai e o Filho: "*Pelo santo amor com que nos amastes, o fizestes nascer como verdadeiro Deus e verdadeiro homem*" (RnB XXIII,3). Francisco não faz distinção entre o amor que cria e que nos sustenta (como toda a criação!) e o amor que "*o fez nascer como verdadeiro Deus e verdadeiro homem*". Para "curar, reconciliar e libertar", Deus chegou ao extremo de atrair-nos na relação trinitária. Esse abraço traz liberdade: "A pobreza, a minoridade e a itinerância, mais do que elementos próprios do seguimento de Cristo, são liberdade franciscana" (VII CPO 4). O nosso mundo está obcecado por liberdade. Contudo, muitas vezes identifica a liberdade com a auto-realização, o controle autônomo, a livre expressão de todo o desejo e até com o controle e o domínio dos outros. Porém existe uma outra estrada e mais segura para a liberdade: "a construção do Reino de Deus, [...] a construção de uma irmandade onde quer que estejamos, e sempre" (ib.). Uma pobreza que liberta o coração humano da avidez e da competição e uma minoridade que liberta o poder humano do impulso de dominar e subordinar, tornam-se meios para libertar, antes de tudo a nossa própria fraternidade, depois a nossa Igreja e o nosso mundo "dos efeitos do pecado estrutural, das forças interiores incoerentes, das manipulações de outros interesses de poder [...] a fim de construir uma irmandade visível no XXI século" (VII CPO 4). Minoridade é liberdade franciscana! Minoridade é o meio para convidar os outros ao abraço restaurador (= que cura) do nosso humilde Deus.

"Convida os pobres, os aleijados, os coxos, os cegos..." (Lc 14,13)

- 5.1 Jesus conclui o seu ensinamento à mesa do fariseu falando do papel dos pobres na edificação do seu reino. A sua lição inicia com a exortação a ter constante consciência dos pobres. Depois, Jesus olha para além da humildade que constrói relações para falar do reino dos humildes! Na sua parábola as pessoas ricas e importantes não têm tempo para o banquete do reino. Jesus se insere na tradição dos últimos profetas:

"Eu afastarei do teu meio teus fanfarrões arrogantes, e não continuarás a fazer de meu santo monte motivo de tuas vanglórias. E deixarei entre vós um punhado de homens humildes e pobres'. E no nome do Senhor porá sua esperança o resto de Israel" (Sf 3,11-13).

Os últimos profetas viam com amargura que eram a corrupção e o abuso de poder por parte dos ricos que levavam a nação à destruição. Sofonias imagina um novo Israel edificado sobre o resto fiel, *um povo humilde e pobre*. Na encarnação Deus revela uma nova e estupenda lógica! Somente uma Igreja humilde pode evangelizar um mundo dividido, distorcido e desfigurado pelas forças dominantes do poder econômico, militar e tecnológico:

"Assim como o Cristo pobre continua o seu caminho unitivo entre as criaturas sob as humildes espécies eucarísticas do pão e do vinho (cf. Adm 1,17), também nós, através das

⁶ Para um comentário desses princípios no contexto da obediência caritativa dos frades, v. Carta Circular nº 22, §§ 5.1-5.5.

águas do Batismo, tornamo-nos Cristo [...] caminhando sobre a terra com a missão divina de curar, reconciliar, libertar e redimir" (VII CPO 2a).

A Ordem como tal deve tornar-se expressão do amor libertador do Cristo humilde: nós reafirmamos "a nossa opção pela minoridade como característica essencial dos Frades Menores Capuchinhos não só como indivíduos, mas também como instituição" (VII CPO 3).

- 5.2 O abraço ao leproso e o seu deslocamento para a periferia da sociedade foram uma dimensão essencial da conversão de Francisco e da sua experiência de Cristo. Por isso o VII CPO, evocando o Sexto Conselho Plenário,⁷ novamente interpela a Ordem a renovar a sua opção pelos pobres, afirmando que nós devemos "realizar progressivamente (passo a passo) um deslocamento 'significativo' rumo à periferia da nossa sociedade atual, onde desejamos armar as nossas tendas entre os menores de hoje como fizeram Jesus, São Francisco e os primeiros capuchinhos no seu tempo" (VII CPO 3).
- 5.3 Existe uma outra dimensão institucional que nos "desloca rumo à periferia" e nos transforma no Cristo humilde. Somos convidados a "aceitar, com alegria e com todas as conseqüências, a fraqueza, a precariedade e a vulnerabilidade no serviço humilde em/de todas as nossas instituições e estruturas" (VII CPO 3). E de novo somos convidados a promover "uma cultura de paz que saiba aceitar também a vulnerabilidade" (VII CPO 6).

São Francisco também fala da "confiante opção pela vulnerabilidade". E a identifica com a opção da cruz: "*Nisto podemos gloriar-nos, em nossas fraquezas e em carregar cada dia a santa cruz de Nosso Senhor Jesus Cristo*" (Ad V,8). No drama da crucificação houve um momento crucial no qual, humanamente falando, Jesus fez uma opção. Como um manifestante do "Greenpeace", ele poderia ter-se recusado a carregar a cruz! Os romanos poderiam tê-lo ameaçado e espancado, mas não poderiam tê-lo obrigado, contra a sua vontade, a carregar a cruz. O Evangelho de João é muito claro: "*Jesus tomou a cruz sobre si [...]*" (Jo 19,17). Jesus *optou* por carregar o sinal da sua humilhação: foi a sua "confiante opção pela vulnerabilidade".

A Igreja como tal aparece sempre mais vulnerável no nosso mundo. É ao mesmo tempo marginalizada pelo secularismo indiferente aos seus valores evangélicos e ameaçada pelos movimentos fundamentalistas que tantas vezes não hesitam usar a força. Nós somos convidados a aceitar essa vulnerabilidade, porque só uma Igreja humilde pode falar a um mundo arrogante e obcecado pelo poder.

- 5.4 Os frades que vivem nas regiões do mundo que sofrem com a diminuição do número de vocações, com o nível de idade que aumenta e com as conseqüências do secularismo, são chamados, "*à sua semelhança*", a aceitar essa vulnerabilidade e "a vivê-la na fé como expressão concreta da nossa opção de vida na minoridade" (VII CPO 15). A aceitação da vulnerabilidade não significa resignar-se à extinção nem é passividade. Para as províncias do Oeste Europeu e da América do Norte, que estão envelhecendo, a aceitação na fé inclui o convite "a elaborar novos projetos adaptados às próprias possibilidades" e a "apelar para a solidariedade internacional de pessoal" (VII CPO 15). Nisso, a Província da França pode servir de exemplo. Cinco províncias, todas ricas da própria história e tradição, foram reestruturadas como única Província. Os frades da França (com uma idade média de 72,43 anos), com uma longa e gloriosa tradição missionária, dirigiram-se à Província de Tamil Nadu (Índia) para serem ajudados a dar força e vida ao carisma franciscano na sua própria terra. Mais recentemente começaram a procurar ajuda para constituir uma fraternidade missionária na Argélia. "*Nisto podemos gloriar-nos, em nossas fraquezas e em carregar cada dia a santa cruz de Nosso Senhor Jesus Cristo*" (Ad V,8).

⁷ v. VI CPO, Proposições 9-12.

- 5.5 O Conselho Plenário encoraja também "os nossos irmãos que vivem em países onde o cristianismo é uma pequena minoria". A proposição continua dizendo: "A nossa fraternidade se compromete a apoiar e a sustentar os irmãos, em particular aqueles que vivem em países onde a liberdade religiosa está em risco, onde cresce a intolerância religiosa e se difunde rapidamente o fundamentalismo religioso" (VII CPO 16). Os frades que se encontram diante da intolerância e do fundamentalismo são convidados a testemunhar "pelo exemplo e pela palavra, num espírito de minoridade semelhante ao de São Francisco diante do Sultão" (ib.). Na metade de fevereiro, representantes de todas as regiões da Ordem se encontrarão na Indonésia para refletir sobre esse desafio e para dar um sinal visível de apoio aos frades que vivem quotidianamente essa experiência.
- 5.6 A aceitação da vulnerabilidade constitui ainda uma outra dimensão da nossa identificação com Cristo pobre e humilde. Na nossa vulnerabilidade tornamo-nos o cego, o fraco e o manco, uma opção e uma ação que constrói o reino. "*Jesus tomou a cruz sobre si [...]*" (Jo 19,17). Foi o início da salvação do mundo.

Conclusão

- 6.1 O Mestre à mesa do fariseu não é um teórico. Jesus revela aos fariseus o significado mais profundo da transcendência de Deus em resposta à trágica situação do homem doente de hidropisia. Observando os hóspedes que disputam as melhores posições sociais, Jesus coloca a humildade como a força que edifica as relações do reino. E aponta os membros privilegiados do seu reino ao notar aqueles que o seu anfitrião excluiu da mesa da refeição: "*Num dia de sábado, Jesus foi comer na casa de um dos chefes dos fariseus. E eles o observavam*" (Lc 14,1). Na tradução italiana usa-se "a gente o observava", e portanto "os outros", não os convidados à mesa. Jesus mostra assim o quadro dos poucos privilegiados reunidos ao redor da mesa para a refeição e a multidão das outras pessoas que, como os refugiados que morrem de fome em Darfur (Sudão), observam atentamente de longe. A observação final de Jesus certamente chocou os fariseus que estavam à mesa: "*Nenhum daqueles que foram convidados provará do meu banquete*" (Lc 14,24). As Proposições do VII CPO não são uma teoria social. As 55 proposições expressam os desafios e o idealismo da nossa fraternidade que se esforça para chegar a ser "**à sua semelhança**" (Ad V,1) nos passos de Francisco.
- 6.2 O ensinamento dado por Jesus naquele sábado nos apresenta uma esperança a mais e um desafio a mais. À mesa com os fariseus num dia de sábado Jesus corajosamente aceita o desafio de propor as condições para a construção do Reino num mundo caracterizado pela estratificação social e pelas relações assimétricas. Para o fiel hebreu o repouso sabático constitui uma dupla experiência de comunhão: com o Ser transcendente e com a família. Nós somos convidados a entrar nesse "repouso sabático". O "repouso sabático" da contemplação nos levará, como levou Francisco, a abraçar a conversão "**à sua semelhança**" (Ad V,1). E no "repouso sabático" da comunhão com os nossos irmãos poderemos descobrir "a coragem de sermos menores".

Fraternalmente,

fr. John Corriveau

Frei John Corriveau,
Ministro Geral – OFM Cap.



25 de janeiro do 2005,
Festa da Conversão de São Paulo.